

# Motivações para tocar na banda marcial escolar: uma análise das narrativas de seus ex-integrantes

Rodrigo Lisboa da Silva  
Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB)  
[rodrigoltrombonista@gmail.com](mailto:rodrigoltrombonista@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa de mestrado que buscou investigar as percepções e experiências de dez ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa (PB) – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical (SILVA, 2020). Por meio de entrevistas narrativas (FLICK, 2004; GIBBS, 2009; PENNA, 2021), esses sujeitos revelaram, dentre outros aspectos, suas significações subjetivas, relações e motivações com a música e a banda escolar. A análise das narrativas revelou que a decisão de tocar na banda marcial escolar pode estar relacionada a incentivos da família e de amigos, à oportunidade de assistir aos ensaios ou a uma apresentação na escola, à possibilidade de aprender um instrumento musical, apresentar-se e ser prestigiado pela comunidade. Evidenciou ainda que a prática na banda escolar pode favorecer um encontro com o sentido de vida, ou seja, um projeto para dedicar-se mesmo que momentaneamente (AQUINO, 2013; FRANKL, 2022; MIGUEZ, 2014). Conclui-se que as bandas marciais escolares são ferramentas importantes para a iniciação musical e que fatores extrínsecos – incentivo de familiares e amigos, por exemplo – podem ser importantes para o ingresso de novos estudantes.

**Palavras-chave:** Bandas marciais escolares, Motivação, Entrevistas narrativas.

## Motivations to play in the school marching band: an analysis of the narratives of its former members

**Abstract:** This article presents the results of a qualitative master's research that sought to investigate the perceptions and experiences of ten former members of school marching bands from João Pessoa (PB) – who did not pursue higher education or professional careers in the field – regarding their musical formation paths (SILVA, 2020). Through narrative interviews (FLICK, 2004; GIBBS, 2009; PENNA, 2021), these individuals revealed, among other aspects, their subjective meanings, relationships, and motivations with music and the school band. The analysis of the narratives revealed that the decision to play in the school marching band may be related to family and friends' encouragement, the opportunity to attend rehearsals or a performance at school, the possibility of learning a musical instrument, performing, and being appreciated by the community. It also showed that practicing in the school band can lead to an encounter with the meaning of life, that is, a project to dedicate oneself even if momentarily (AQUINO, 2013; FRANKL, 2022; MIGUEZ, 2014). It is concluded that school marching bands are important tools for musical initiation and that extrinsic factors – such as encouragement from family and friends, for example – can be important for the entry of new students.

**Keywords:** School marching bands, Motivation, Narrative interviews.

## Introdução

As bandas são fenômenos históricos, sociais e culturais que acompanham a humanidade desde a Antiguidade (DANTAS, 2018, p. 12; FAGUNDES, 2010, p. 32). Embora não haja uma definição absoluta sobre o significado do termo “banda”, estudos apontam-nas como conjuntos musicais formados por instrumentos de sopro e percussão, estando presentes em diversos eventos do cotidiano de diferentes comunidades: desfiles cívicos, comícios, inaugurações, concertos, competições, apresentações em praças e escolas, por exemplo (DANTAS, 2018, p. 12; NÓBREGA, 2018, p. 29). Dessa maneira, Lima (2007, p. 36) aponta que, historicamente, “nas ruas e nas praças, as bandas eram as rainhas da música para o povo”, levando esta manifestação artística para a população em um tempo em que o rádio e a televisão eram inexistentes ou de difícil acesso, principalmente às camadas mais humildes.

As bandas possuem funções diversificadas de acordo com o momento histórico e o contexto sociocultural em que estão inseridas. Apesar de não haver uma delimitação rígida quanto à instrumentação utilizada, as bandas marciais, foco deste estudo, geralmente são constituídas por instrumentos de sopro da família dos metais – trompetes, trompas, trombones, eufônios e tubas – e de percussão – caixas, pratos, *tenor drums*, bumbos –, podendo apropriar-se de instrumentos musicais comuns a outros tipos de formação musical – tímpanos, bumbo sinfônico, bateria, dentre outros. Além disso, os seus repertórios não estão limitados às marchas de Sete de Setembro, mas podem englobar peças populares, regionais, arranjos de música de concerto, temas de filmes, etc. (LIMA, 2007, p. 41; NÓBREGA, 2018, p. 68).

Por suas origens militares, as bandas marciais são marcadas por uma rígida disciplina de marcha e de ordem unida (BINDER, 2006, p. 64; COSTA, 2011, p. 249-250; DANTAS, 2018, p. 12; LIMA, 2007, p. 33-37; FAGUNDES, 2010, p. 32-38; SILVA, 2012, p. 40). Além disso, muitos desses grupos têm suas práticas musicais e educativas fortemente norteadas pela participação em campeonatos de bandas marciais, sendo influenciadas pelas competições estadunidenses específicas para este tipo de formação musical (LIMA, 2007, p. 19)<sup>1</sup>. Quando inseridas no ambiente escolar, as bandas marciais podem proporcionar uma diversidade de contribuições educativas, musicais e sociais aos indivíduos, por exemplo: formação de amizades e de laços afetivos; aprendizado de valores (foco, dedicação, compromisso, melhor pontualidade, etc.); oportunidades de conhecer outros locais dentro e fora da cidade; acesso

---

<sup>1</sup> Esses campeonatos tendem a seguir o modelo norte-americano fortemente competitivo das *marching bands* que, por sua vez, influenciam as práticas musicais e educativas das bandas marciais escolares brasileiras. Apesar de serem eventos que motivam a participação de vários estudantes nas bandas marciais, as competições podem acarretar processos de exclusão, violência e engessamento das práticas educativas. Para maiores discussões, ver: Silva (2020, p. 111-145)

ao aprendizado musical; dentre outros aspectos (ADDERLEY; KENNEDY; BERZ, 2003, p. 198-199; CAMPOS, 2008, p. 107; CARMO, 2014, p. 19-20; CARVALHO; GONÇALVES, 2017, p. 157; CHAGAS; LUCAS, 2014, p. 1-2; CISLAGH, 2011, p. 64; CUMBERLEDGE, 2017, p. 45-46; GIBSON, 2016, p. 12-13; SILVA, 2020, p. 121-152; SOARES, 2018, p. 87). Dessa maneira, a banda marcial escolar, ou seja, aquela inserida como atividade educativa que atende estudantes devidamente matriculados em escolas de educação básica (públicas ou privadas), pode favorecer diversos aprendizados e experiências que vão além da prática instrumental ou da aquisição de conhecimentos musicais em si<sup>2</sup>.

Assim, as bandas marciais escolares podem proporcionar experiências importantes para a vida de seus participantes. Muitas dessas vivências permanecem como significativas para os indivíduos, fazendo parte de suas memórias mesmo quando estes saem e tornam-se, portanto, ex-integrantes (SILVA, 2020). Entretanto, neste artigo, não buscamos discutir a saída das bandas escolares, mas as motivações que levam diferentes indivíduos a participar dessas atividades educativas. Apresentadas as características gerais das bandas marciais escolares, propomos uma revisão de literatura constituída por estudos que discutem as motivações de diferentes indivíduos para o ingresso nesses grupos.

## Aspectos motivacionais para a participação na banda marcial escolar

As bandas marciais escolares configuram-se como um dos caminhos possíveis para a iniciação musical no contexto da educação básica. Jovens veem nela a oportunidade de iniciar uma carreira na música e futuramente atuar profissionalmente na área, ou encaram-na como um lazer nos tempos livres (SOARES, 2018, p. 33). Assim, as bandas são fenômenos presentes no cotidiano de diversas instituições de ensino e na vida de vários estudantes, caracterizando-se como uma possibilidade de inserção do ensino de música nas escolas de educação básica, públicas ou privadas (CARVALHO; GONÇALVES, 2017, p. 141; SILVA, 2014, p. 112).

Dessa maneira, as bandas escolares são espaços educativos onde, muitas vezes, jovens carentes podem ter acesso ao processo de educação musical e, portanto, à oportunidade de aprenderem um instrumento. Para Silva (2014, p. 23), muitos pais veem na banda a chance

---

<sup>2</sup> Apesar de atender aos estudantes matriculados nas respectivas escolas em que estão sediadas, este estudo mostrou que as bandas escolares de João Pessoa, por vezes, admitem a participação esporádica de ex-integrantes, mesmo já tenham concluídos seus estudos (SILVA, 2020, p. 162-165). Essa flexibilização decorre, muitas vezes, do caráter extracurricular das bandas escolares de João Pessoa e da falta de normatização clara para o seu funcionamento. Para maiores detalhes sobre o contexto das bandas escolares em João Pessoa, ver: Nóbrega (2018) e Silva (2020, p. 95-98).

de investir na educação musical de seus filhos. Assim, para o autor, a banda pode ser entendida como “o conservatório do povo” (SILVA, 2014, p. 23), sendo, muitas vezes, a única oportunidade de estudantes terem acesso à educação musical, especialmente os mais carentes que não têm condições de pagar por aulas de música particulares ou de comprar um instrumento musical<sup>3</sup>. Além do próprio aprendizado musical, outras questões podem incentivar a participação em uma banda marcial.

Carmo (2014, p. 14) realizou uma pesquisa qualitativa com base em entrevistas semiestruturadas com o objetivo de “compreender a motivação para participar da banda, a partir do olhar de dois alunos de uma banda marcial”. Assim, um dos entrevistados apontou as apresentações como momentos significativos na sua trajetória, pois são oportunidades de viajar e ter a performance do grupo prestigiada, favorecendo a melhoria de sua autoestima: “é nessas ocasiões que as pessoas que os amam prestigiam suas performances” (CARMO, 2014, p. 19-20). Nessa perspectiva, diversas vezes, crianças e jovens em situações sociais não muito favoráveis são acolhidas pela banda, tornando-se parte de um grupo que a sociedade admira e aplaude por seu esforço e determinação (COSTA, 2008, p. 35-37; SILVA, 2012, p. 109; SOARES, 2018, p. 160). Para Silva (2014, p. 22), a banda marcial promove um sentimento de satisfação nos indivíduos que pode mudar significativamente suas vidas, melhorando questões como a autoestima e a sensação de prazer.

Assim, além do prazer encontrado no aprendizado musical e no prestígio pelos pares, a possibilidade de participar de viagens, ganhar prêmios, fazer novos amigos e contar suas experiências acaba impressionando e atraindo outros alunos que não estão na banda. Também, familiares e amigos podem conhecer o trabalho das bandas por intermédio das apresentações, sendo, assim, motivados a participar (SOARES, 2018, p. 88-89). Dessa forma, a banda potencialmente amplia o conhecimento cultural de seus membros e também das famílias envolvidas nestes grupos musicais. Nessa perspectiva, Soares (2018, p. 89) destaca que:

Os pais, que estão em momento de vida de muito trabalho e luta para manutenção da família, têm oportunidade de ouvir outras referências musicais às quais não estão expostos no cotidiano. Outros irmãos, primos e amigos que ainda não tocam em bandas ou grupos musicais também têm oportunidade de conhecer o trabalho por meio das crianças que participam e, com isso, se motivarem a participar de um ou de outro grupo cultural. (SOARES, 2018, p. 89).

---

<sup>3</sup> Os resultados desta pesquisa mostram que o acesso ao aprendizado de música nas bandas marciais pode ocorrer por meio de testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias, implicando em exclusão e violência simbólica. Dessa maneira, apesar de oportunizarem o aprendizado musical aos indivíduos mais carentes, o acesso às bandas escolares, por vezes, não é democrático (SILVA, 2020, p. 110-115).

Sobre as influências das amizades, Gibson (2016, p. 41-44) realizou um estudo de caráter quali-quantitativo com integrantes de bandas marciais escolares estadunidenses cujo objetivo foi investigar os motivos que os fizeram participar desses grupos. Para tanto, utilizou um *survey* eletrônico e entrevistas com grupos focais como instrumentos de coleta de dados. Assim, Gibson (2016, p. 75, tradução nossa) apresenta trechos da fala de alguns integrantes que referenciaram os amigos como um dos motivos que os fizeram ingressar ou permanecer na banda: “*A razão para eu ingressar na banda no oitavo ano foi por causa dos meus amigos que me convenceram*” (Jim)<sup>4</sup>; “*Desde o sétimo ano, muitos dos meus amigos me contavam sobre o quão divertido era a banda e eu sempre ficava pensando em ingressar no sétimo ano [...]*” (Terrell)<sup>5</sup>.

Da mesma forma, Souza (2010, p. 63) percebeu que a influência de outros colegas que já tocavam na banda foi um dos fatores que estimularam o interesse de novos alunos por esta atividade. Os integrantes da banda marcial por ele pesquisada apontaram motivações extrínsecas, ou seja, baseadas em fatores externos – neste caso, os próprios amigos: “*foi depois de ver uma apresentação*”; “*um amigo meu [integrante da banda] me trouxe aqui*”.

Dessa maneira, Ilari (2002, p. 73) compreende que a motivação pode ser intrínseca – quando parte de uma vontade pessoal, interna – ou extrínseca – quando influenciada por fatores externos como as influências de familiares e amigos, por exemplo. Assim, as falas dos participantes da pesquisa de Gibson (2016, p. 75) e Souza (2010, p. 63) ilustram como jovens podem ser motivados a ingressar nas bandas por influência externa de seus pares. Desta forma, a influência dos amigos, para muitos, pode ser um importante fator na decisão de fazer parte de uma banda. Além disso, prestigiar um ensaio ou apresentação, por exemplo, pode despertar a admiração e a vontade de aprender determinado instrumento musical e, portanto, de participar da banda (ADDERLEY; KENNEDY; BERZ, 2003, p. 195-199; CARMO, 2014, p. 17-18; CUMBERLEDGE, 2017, p. 45).

A banda marcial é um ambiente no qual o aluno tem a oportunidade de aprender a tocar um instrumento musical, assumir um papel social e ser reconhecido pela família e comunidade, o que implica na autoconfiança e na autoafirmação dos participantes (SOARES, 2018, p. 86-87; SOUZA, 2010, p. 63). Muitos indivíduos são motivados a participar da banda pelo sentimento de pertencimento, identificação e por poder proporcionar música à sociedade. Fazer parte de uma banda é ter a oportunidade de sentir-se importante para determinado grupo, expressar sentimentos e unir forças em favor de uma atividade musical coletiva

---

<sup>4</sup> “*The reason I joined band in eighth grade was because of my friends convincing me to do it*”.

<sup>5</sup> “*Ever since 7th grade a lot of my friends were telling me about how much fun band was and I was always thinking about joining in the 7th grade [...]*”.

(ADDERLEY; KENNEDY; BERZ, 2003, p. 195; CHAGAS; LUCAS, 2014, p. 4-5). Dessa maneira, participar de uma banda escolar é ter a oportunidade de estabelecer interações sociais que geralmente estão refletidas na formação de amizades e no sentimento de pertencimento ao grupo (GIBSON, 2016, p. 12-13; SOARES, 2018, p. 83). Assim, a formação na banda escolar não se limita ao aprendizado instrumental, mas pode ir além disso. Além da possibilidade de tocar um instrumento musical e, portanto, de ter acesso a um capital cultural, os estudantes podem, por intermédio da banda, interagir, trocar conhecimentos, construir vivências, memórias e ressignificar suas vidas (COSTA, 2020, p. 89)<sup>6</sup>.

Com base nos estudos aqui levantados, percebemos que o próprio aprendizado musical, a possibilidade de formar amigos, estabelecer laços afetivos, viajar e conhecer outros lugares, ser reconhecido pelos pares, dentre outros aspectos, são destacados como elementos que podem motivar os indivíduos a ingressar e participar das bandas. Essas experiências, muitas vezes, fazem parte da memória dos sujeitos mesmo quando estes já saíram da banda. Além disso, a revisão aqui levantada mostrou que a influência de familiares e amigos também pode ser fator importante. Com base nessas questões, conduzimos um estudo qualitativo com vistas a investigar o percurso de formação de ex-integrantes de bandas marciais escolares da cidade de João Pessoa (SILVA, 2020). Os depoimentos desses sujeitos revelaram, dentre outros aspectos, suas motivações para o ingresso nas bandas escolares de que participaram. Dessa maneira, apresentamos o percurso metodológico que norteou a pesquisa.

## Encaminhamentos metodológicos

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGM/UFPB) que teve como objetivo investigar as percepções e experiências de dez ex-integrantes de bandas marciais escolares – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical (SILVA, 2020). De caráter qualitativo, esta pesquisa buscou descrever e interpretar diferentes significados, eventos e experiências de vida, além de envolver perspectivas múltiplas de ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa. Dessa maneira, lidamos com subjetividades e diferentes visões desses ex-integrantes acerca de seus percursos em bandas escolares.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram dez ex-integrantes de bandas marciais escolares (públicas ou privadas), todos maiores de dezoito anos, residentes da cidade de

---

<sup>6</sup> Apesar dessas possíveis contribuições na formação do estudante, os resultados de nossa pesquisa também mostram que a participação em bandas é permeada por limites no que se refere a atitudes autoritárias do regente, indisciplina, rivalidades e intrigas entre os seus integrantes (SILVA, 2020, p. 139-152).

João Pessoa. Como critério de participação nesse estudo, foram entrevistados ex-integrantes que tenham participado de uma banda marcial escolar por pelo menos um ano letivo e que não tenham seguido a carreira como músicos profissionais ou realizado um curso superior na área. Consideramos um ano letivo de participação (dois semestres escolares) como o tempo mínimo para que os sujeitos tivessem estabelecido relações duradouras com a banda, revelando, assim, diversas experiências vividas que pudessem trazer contribuições significativas para este trabalho. Também só foram considerados os sujeitos que saíram da banda há menos de cinco anos. Possivelmente, sujeitos que tenham saído há mais tempo tendem a recordar apenas os momentos positivos, numa espécie de memória nostálgica.

Estes ex-integrantes foram localizados através do contato com outros regentes de bandas escolares que se dispuseram a ajudar no desenvolvimento deste trabalho. Tendo em mente que estes ex-integrantes já se distanciaram das bandas, foi importante a estratégia de “bola de neve”: os entrevistados indicaram outros ex-integrantes que pudessem contribuir com esta pesquisa. Também utilizamos as redes sociais (*Facebook*, *Whats App*) para localizar ex-integrantes.

De modo a conhecer a história de vida musical de cada participante, utilizamos as **entrevistas narrativas**, em duas etapas, como instrumentos de coleta de seus depoimentos. Como apontado por Gibbs (2009, p. 81), as narrativas são instrumentos que dão voz aos respondentes, revelando os sentimentos e as vivências dos sujeitos. Partindo de como estes sujeitos se autodescrevem, as narrativas podem revelar experiências, expressões, sentimentos, percepções, eventos fundamentais, momentos decisivos, planejamentos, pessoas importantes que influenciaram suas trajetórias. Como destacado por Penna (2021, p. 2), em pesquisas de caráter narrativo e (auto)biográfico “não buscamos os fatos em si, mas a maneira subjetiva como foram vivenciados por aquele que narra e incorporados à memória de modo significativo”.

Com base nas concepções de Flick (2004, p. 115), propomos, na primeira etapa, a seguinte questão norteadora que foi apresentada aos ex-integrantes de bandas escolares entrevistados:

Eu gostaria que você me contasse a respeito da sua história de vida musical. Como começou o seu contato com a música (na família, na igreja, com qualquer tipo de música). Aborde como foi que você decidiu entrar na banda e como foi sua trajetória dentro desta atividade. Conte-me como as coisas ocorreram até os dias de hoje, qual a sua relação com a música atualmente, sem pressa e com detalhes. Tudo que for importante para você será interessante para mim (SILVA, 2020, p. 18).

Após a primeira entrevista, de caráter mais geral, e sua transcrição, uma segunda etapa, com base em roteiro, foi considerada necessária para o desenvolvimento deste trabalho. Essa segunda entrevista, também de caráter narrativo, buscou esclarecer alguns pontos das narrativas iniciais que ficaram confusos ou ambíguos, complementando e explorando alguns dados e informações relevantes destacados pelos ex-integrantes. Nessa perspectiva, Penna (2021, p. 5) aponta que esse segundo momento de interação é importante não apenas para o aprofundamento do relato, mas também para o estabelecimento das relações de confiança entre o entrevistador e o entrevistado.

A aplicação deste roteiro foi realizada de forma flexível, havendo reformulações e mudanças na ordem das perguntas. Além disso, outras questões de esclarecimento surgiram durante a interação com os entrevistados. Essa segunda entrevista foi realizada com cada sujeito preferencialmente na semana seguinte à aplicação da primeira entrevista. Optamos por essa dinâmica com vistas a não perder o contato com os sujeitos. Como estes eram ex-integrantes de bandas envolvidos com outras atividades que não estavam ligadas à música, ficou mais difícil encontrá-los. Assim, para não correr o perigo de perder o contato com eles, decidimos coletar a primeira entrevista narrativa, transcrevê-la, fazer uma análise inicial para elaborar e aplicar a segunda entrevista o mais rápido possível, preferencialmente na semana seguinte. Essa dinâmica de aplicação pode ter contribuído, também, para que os mesmos não esquecessem o que relataram em suas narrativas iniciais.

Além disso, cabe destacar que as questões que compunham os roteiros das segundas entrevistas foram específicas em função dos depoimentos dos sujeitos em suas respectivas narrativas iniciais. Dessa forma, enquanto a primeira entrevista apresentava uma questão norteadora de caráter mais geral e comum a todos os entrevistados, o segundo momento de interação foi constituído por perguntas diferentes para cada sujeito. A coleta das narrativas ocorreu entre maio e outubro de 2019<sup>7</sup>.

As entrevistas foram gravadas em áudio por meio de aparelho celular. Todas foram transcritas na íntegra, destacando informações de natureza verbal e não-verbal. Neste caso, foram considerados regionalismos, gírias e expressões da linguagem cotidiana dos sujeitos. Realizamos pessoalmente as entrevistas e suas transcrições, favorecendo-nos uma maior familiarização com seus conteúdos. Dessa forma, Gibbs (2009, p. 28) destaca que a

---

<sup>7</sup> Cabe destacar que, antes de realizar a coleta de dados de fato, duas entrevistas com sujeitos de perfil semelhante aos participantes da pesquisa foram consideradas necessárias como aplicação piloto. Apesar de não fazer parte dos dados analisados na pesquisa, a aplicação piloto foi importante para verificar a adequação das entrevistas narrativas em relação aos objetivos propostos, bem como para o nosso treinamento e segurança no momento da coleta definitiva (cf. LISBOA; PENNA, 2019).

transcrição de dados é uma etapa interpretativa, na qual a seleção do que é considerado relevante para a pesquisa é guiada pelos olhos do pesquisador.

Um tratamento gramatical foi necessário nos trechos que foram citados na pesquisa. Como aponta Gibbs (2009, p. 31), “a fala contínua raramente vem na forma de sentenças bem construídas”. Dentro das dimensões deste estudo, consideramos importante “organizar” as falas dos participantes da pesquisa, tornando-as mais fáceis de ler e analisar, evitando, também, possíveis constrangimentos para os próprios entrevistados. Por questões éticas, os ex-integrantes foram anonimizados e identificados como Sujeito 1, Sujeito 2, e assim por diante, sendo que apenas exemplos significativos de seus relatos são apresentados neste artigo. Dessa maneira, informações como nome de pessoas, locais (cidades, escolas) e de bandas marciais também foram omitidas a fim de garantir que sinais sutis não revelassem as identidades dos sujeitos.

Como critério de participação no estudo, todos os sujeitos assinaram em duas vias um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que explicitava os objetivos da pesquisa, a metodologia, as possíveis implicações para a área da Educação Musical e as condições de participação livre e voluntária. Além disso, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por meio da Plataforma Brasil sob o número CAAE 04613918.8.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 27/02/2019<sup>8</sup>.

Por intermédio das entrevistas narrativas, os sujeitos revelaram, dentre outras questões, suas respectivas motivações para participar da banda escolar. Esses dados foram categorizados, comparados, entrecruzados e analisados com base em uma revisão bibliográfica consistente para sustentar e embasar a compreensão do fenômeno estudado. Dessa forma, analisamos, interpretamos e discutimos trechos dos depoimentos dos ex-integrantes de bandas marciais escolares participantes da pesquisa no que se refere às suas motivações para tocar na banda.

## Motivações para participar da banda: analisando as narrativas

Como discutido anteriormente, a motivação para realizar qualquer atividade pode ocorrer de maneira intrínseca ou extrínseca (ILARI, 2002, p. 73). Contudo, os aspectos extrínsecos, ou seja, relacionados a influências externas – família, amigos, repertório, ensaios, apresentações, convites de regentes, etc. –, foram mais presentes nos depoimentos dos sujeitos entrevistados ao revelarem suas motivações para o ingresso nas bandas escolares.

---

<sup>8</sup> Este estudo foi conduzido sob a orientação da professora Dra. Maura Penna e teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001.

Nessa perspectiva, alguns sujeitos revelaram que vivências musicais anteriores na família influenciaram na decisão de tocar na banda. Como exemplificação dessas questões, o Sujeito 1 – 19 anos de idade, militar do exército brasileiro – revela que já possuía uma prática musical antes de ingressar na banda escolar. Ele aponta que suas primeiras experiências musicais ocorreram ainda na infância, quando imitava os movimentos do pai tocando violão:

*Eu comecei no violão, só que eu não tinha instrumento. Eu falava: “eu quero aprender” – isso com uns quatro ou cinco anos de idade. Tinha um amigo meu que tinha comprado uma raquete de tênis. Com essa bendita raquete, enquanto meu pai tocava violão, eu pegava e ficava imitando, ou seja, enquanto ele fazia as notas na mão esquerda, eu ficava fazendo do mesmo jeito na raquete. Não tinha som nem nada. Mas aí foi quando eu comecei a pegar o gosto pela música, não só pela música, mas pelo violão que foi o meu primeiro instrumento, né? (S1-E1, 20/05/2019)<sup>9</sup>.*

Assim, através de processos de aprendizado dentro da família, o Sujeito 1 teve suas primeiras experiências com o fazer musical, decidindo, posteriormente, aprender a tocar violão. Dessa forma, Gomes (2009, p. 183-195) destaca que a família, com seus valores e concepções, é um espaço de interações que permite múltiplos aprendizados de maneira inconsciente e não intencional – quando o filho escuta e imita os movimentos do pai tocando um instrumento musical, por exemplo. Entretanto, o autor destaca que este aprendizado também pode ocorrer de forma intencional – quando os pais planejam momentos de ensino e aprendizagem de um instrumento musical dentro da própria família, por exemplo (GOMES, 2009, p. 189).

Além da vivência musical na família, a narrativa do Sujeito 1 mostra que ele ingressou na banda da igreja em que frequentava, onde teve a oportunidade de aprender outros instrumentos musicais. Contudo, o ingresso na banda marcial escolar ocorreu em um momento posterior, influenciado por seu irmão que já participava:

*Meu irmão entrou primeiro na banda como caixista. Ele só vivia batendo nas painelas dentro de casa. [...] Passou o tempo, comecei a estudar, passei três anos no [colégio] municipal. Nestes três anos, eu aprendi a tocar bumbo. Foi meu primeiro instrumento de percussão. (S1-E1, 20/05/2019).*

Na mesma direção, o Sujeito 9 – com 20 anos de idade, em busca de emprego – revela influências da família na sua formação musical inicial. Seu pai, um ex-trompetista, sempre buscava motivá-lo a ingressar na banda marcial da escola em que estudava. Por seu histórico ligado aos instrumentos de metais e, provavelmente, às bandas, admirava tais conjuntos,

---

<sup>9</sup> A indicação (S1-E1, 20/05/2019) corresponde, respectivamente, ao número do sujeito, ao número da entrevista e à data em que foi realizada. Além disso, adotamos o itálico nos trechos das narrativas dos sujeitos com vistas a diferenciá-los de citações bibliográficas.

desejando que seu filho, o Sujeito 9, ingressasse na banda escolar. Dessa maneira, o Sujeito 9 revela:

*De primeira, eu via os ensaios. Logo quando eu entrei, era à tarde, de 12:30 até uma hora [13:00]. Eu chegava, ficava jogando futebol e via a banda lá. Eu via o professor ensinando e achava interessante e eu ficava naquela... Meu pai sempre dizia: “vai tocar, você vai gostar”. Aí, teve um dia que eu cheguei no professor e estavam abertas as inscrições. [...] Foi como se fosse um destino. Eu levo isso como se fosse um destino para mim. Meu pai tocava. Para mim, o meu destino foi passar pelo que ele fez. Ele tocou quando era jovem, ele tocava trompete, já tocou sax. (S9-E2, 29/08/2019).*

Como podemos observar nos depoimentos acima, a família tem papel importante no incentivo das práticas musicais. Os pais veem na banda a possibilidade de investirem na educação musical de seus filhos que, por sua vez, têm a oportunidade de aprenderem um instrumento musical (SILVA, 2014, p. 23). Além disso, outros membros da família – irmãos e primos, por exemplo –, amigos e colegas podem se sentir motivados a ingressar na banda no momento em que prestigiam os ensaios e as apresentações (SOARES, 2018, p. 89). Assim como o Sujeito 9, o Sujeito 4 – com 21 anos de idade, repositor de supermercados – e o Sujeito 6 – 25 anos de idade, estudante de engenharia civil – revelam que assistir aos ensaios foi fundamental para o interesse em ingressar nas bandas marciais das escolas em que estudavam:

*Minha história na música começou em 2008. Eu estava no ensino fundamental, na escola X, e sempre quando eu chegava lá – eu chegava um pouco mais cedo, não gostava de chegar tarde –, eu via a banda lá ensaiando. Eu acho que era das 11 horas até uma hora [13:00], e aí começou chamar minha atenção. Fui gostando, até que um dia eu falei com o maestro para entrar. (S4-E1, 10/06/2019).*

*Na banda, a primeira coisa que me chamou atenção foi sempre os instrumentos de percussão e, principalmente, as cadências que a percussão tocava. Aí, sempre ia para o ensaio assistir, porque antes de eu entrar na banda, eu ficava assistindo aos ensaios, né? Minha irmã sempre me levava para assistir ao ensaio. Aí, ficava assistindo até que surgiu a oportunidade de eu entrar na banda. [...]. Despertei o interesse a partir da vez em que eu vi a galera tocando, sempre motivada, e deu aquela vontade de aprender a tocar o que eles estavam fazendo ali. (S6-E2, 05/08/2019).*

Na mesma direção, o Sujeito 8 – 20 anos de idade, estudante de teologia e administração – revela que assistir aos ensaios com o amigo foi fundamental para o despertar de seu interesse em participar da banda:

*Eu tinha um amigo que tocava nessa [banda]. A gente era muito amigo, mas eu não tocava. Eu gostava de ir para casa com ele. A gente brincava e tal na rua, para ir juntos porque morávamos perto da casa do outro, mas ele sempre falava: “Hoje eu vou ter que ficar para banda. Você vai ter que descer sozinho para casa. Hoje eu vou ficar”. Acabei*

*ficando nos ensaios para esperar ir embora com ele. O professor falou que estava precisando de uma pessoa, eu peguei e falei: “eu já estou aqui, vamos tocar”.* (S8-E1, 07/08/2019).

Os depoimentos acima mostram como os ensaios são importantes para que outros alunos se sintam motivados a ingressar nas bandas. Um trabalho criterioso e comprometido por parte do regente pode favorecer com que outros alunos despertem o interesse pela banda escolar. Além disso, as diversas apresentações – desfiles, campeonatos, viagens, etc. –, as amizades e a projeção dentro da comunidade são elementos que podem estimular o ingresso de novos alunos na banda. Neste sentido, o Sujeito 2 – de 21 anos de idade, repositor de supermercado – revela:

*Minha vida na música começou no ano de 2012, através da influência de amigos meus da escola. Aí, comecei no colégio X, no trompete. Como eu não me adaptei, três meses depois fui transferido para outro instrumento e acabei gostando, né? Foi o incentivo dos amigos mesmo, dizendo que era bom, que viajava, os campeonatos, essas coisas e tal. Também tem as menininhas, né? [risos]. Aí, acabou que uma coisa levou à outra. Daí, gostei e fiquei esse tempo todo. Foi uma experiência boa na minha vida.* (S2-E1, 28/05/2019).

Na mesma direção, o Sujeito 3 – com 20 anos de idade, atendente de papelaria – destaca:

*Era bonito a pessoa desfilar e todo mundo queria tocar na banda, motivava muito. Os meninos tocavam lá e me chamaram. Eu acabei indo [...]. Eu já tinha visto a banda pelo vídeo. Aí, eu falava: “Eita, que banda legal!”. Falei que queria tocar mesmo! Tinha aquela vontade de tocar. Isso chamava a atenção de todo mundo.* (S3-E2, 26/08/2019).

Como discutido anteriormente, os colegas e amigos podem influenciar o ingresso de novos integrantes nas bandas (GIBSON, 2016, p. 75; SOUZA, 2010, p. 63). Tal influência pode ser tão marcante ao ponto de mudar as percepções de alguns alunos sobre esses grupos. Assim, o Sujeito 5 – de 20 anos de idade, aprendiz de auxiliar administrativo – revela que, em um primeiro momento, não sentia admiração pelas bandas marciais escolares. No entanto, as amizades formadas e as experiências vivenciadas durante sua posterior participação nas bandas, principalmente em campeonatos específicos, ocasionaram mudanças significativas em sua percepção sobre tais grupos:

*No começo, eu entrei sem gostar. Eu não gostava, porque eu achava assim... uma coisa besta. Não entrava na minha cabeça que a banda marcial seria uma coisa importante para a pessoa um dia. Aí, depois que eu entrei foi que eu fui gostando mais, entendeu? [...] Chegou um dia que a gente foi fazer uma apresentação em uma competição, uma copa – porque nesse tempo existia a copa de bandas – e nós ficamos em oitavo na categoria. Foi a primeira copa da gente. Nós ficamos muito felizes nesse dia, quando ficamos em oitavo. Aí, eu pensei que tinha sido bom e me apaixonei, né? Comecei a me*

*dedicar realmente. Me entreguei mesmo para a banda, comecei a me dedicar na música.*  
(S5-E2, 12/07/2019).

Dessa maneira, o relato do Sujeito 5 mostra que a participação em competições de bandas marciais pode promover experiências significativas que motivam os estudantes a continuarem tocando (SILVA, 2020, p. 131). Silva (2012, p. 38-39) aponta que esses campeonatos – influenciados pelas competições estadunidenses e suas diversas exigências: domínio da notação musical, repertório elevado, garbo, sincronia, alinhamento, estética visual, dentre outras – colaboraram para o desenvolvimento performáticos das bandas (SILVA, 2012, p. 38-39). Essa participação em campeonatos de bandas pode trazer respaldo e reconhecimento social para o grupo e seus integrantes, principalmente quando se consegue alguma premiação. Todavia, como apontam Allsup e Benedict (2008, p. 161, 169), o ensino de música em bandas, muitas vezes, está voltado ao treinamento técnico no instrumento musical, oferecendo poucas possibilidades de reflexão, desenvolvimento do pensamento crítico e do fazer criativo. Dessa maneira, concordamos com Bowman (2020, p. 162-169) ao destacar a necessidade de se “reconceber a música e a educação como práticas éticas”, ou seja, de assumir o compromisso responsável com uma educação musical ativa, reflexiva, participativa e diversa, que estimule a criatividade e que esteja preocupada com o tipo de cidadão e de sociedade que queremos formar.

Além disso, os relatos dos sujeitos entrevistados mostram que alguns regentes preferem formar bandas com os alunos que já tocam ou que apresentam facilidade ainda no primeiro contato com o instrumento musical (cf. SILVA, 2020, p. 111). Para muitos, o mais importante é ter uma banda abrilhantando os desfiles cívicos ou ganhando premiações em campeonatos do que investir em um aluno que deseja ter a oportunidade de aprender um instrumento musical e participar da banda. Assim, a função educativa das bandas escolares é, por vezes, ofuscada por atitudes excludentes e práticas que visam alimentar o ego de regentes e coordenadores em busca de premiações, títulos e *status* social. Dessa forma, concordamos com Lima (2007, p. 54-55) ao afirmar que o discurso de muitos regentes é ambíguo, pois eles destacam as funções pedagógicas das bandas, ao mesmo tempo em que exibem seus troféus como símbolos de competência. Outrossim, os depoimentos dos sujeitos mostram que o excesso de competitividade presente nesses campeonatos pode acarretar brigas e violências entre os integrantes das bandas (cf. SILVA, 2020, p. 144-145).

Na mesma direção do Sujeito 5, o Sujeito 10 – com 18 anos de idade, estudante do ensino médio – destaca que não sentia admiração pelas bandas marciais em um primeiro momento. Entretanto, o convite de seus amigos que já tocavam foi essencial para a sua decisão em participar da banda escolar. Nesse sentido, o Sujeito 10 revela:

*Meu início em banda foi algo muito assim... boladão. Meus amigos sempre me chamavam para a questão de querer tocar em banda: "E aí, vamos lá tocar na banda", e eu sempre não tinha desejo. Não tinha desejo de tocar em banda, por conta que sei lá... eu achava algo chato. Eu achava: "Aqueles caras ficam ali se matando. Aqueles caras ficam no sol se matando para fazer essas coisas". Acho que isso não me levava a sonhar tocar. Mas, enfim, depois de tanto meus amigos me chamarem para eu tocar em banda, foi que algo veio queimando no meu coração... Em relação a querer tocar em banda, foi algo muito de uma hora para outra. (S10, E1, 23/09/2019).*

Além das influências de pessoas – família, amigos, etc. – e de eventos – apresentações, viagens, etc. –, o ingresso na banda pode ser favorecido por um trabalho de educação musical anterior. Tal como os sujeitos 1 e 9 revelaram influências musicais anteriores, nestes casos, dentro de suas respectivas famílias, o Sujeito 7 – de 25 anos de idade, auxiliar de produção – apontou que um projeto de flauta doce desenvolvido na escola em que estudou possibilitou-lhe a iniciação musical e, por consequência, o despertar do desejo por tocar na banda da escola. Ele relata:

*Eu comecei na flauta no ano de 2006. Foi um tempo muito bom. Me interessei muito por tocar na flauta [...]. Assim que surgiu vaga na banda [marcial], eu entrei para tocar na flauta. O que me chamou atenção é que era um sonho que eu tinha de entrar em uma banda e participar. Desde o início, eu tinha uma vontade muito grande de entrar e fazer parte de uma [banda], e as motivações foram muitas: motivações de amigos, de família. (S7-E1, 31/07/2019)<sup>10</sup>.*

Embora as bandas escolares se configurem como atividades promissoras para o ensino de música nas escolas de educação básica, estas não podem ser os únicos espaços de aprendizado musical nestes contextos, sendo importante a coexistência com outros projetos – oficinas de flauta doce, violão, percussão, canto coral, musicalização infantil, dentre outros. Além disso, aula de música inserida no currículo – como no componente de Arte, por exemplo – pode favorecer o interesse dos estudantes em ingressar na banda escolar e em outras atividades musicais. Entretanto, cabe destacar que a participação na banda precisa ser ofertada de maneira democrática a **todos** os estudantes da escola, e não apenas aos que possuem alguma vivência musical prévia<sup>11</sup>.

Com base na análise das narrativas, foi possível perceber que elementos extrínsecos – família, amigos, apresentações, ensaios, contato prévio com o fazer musical – são importantes na motivação para o ingresso na banda escolar. Assim, os ex-integrantes não iniciaram seus respectivos percursos em bandas por acaso, mas sendo influenciados por

<sup>10</sup> A banda marcial à qual o sujeito se refere possuía flautas doces em seu corpo musical.

<sup>11</sup> Os dados da pesquisa revelaram que, diversas vezes, as bandas escolares adotam testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias como critério de ingresso e participação, acarretando violência simbólica e exclusões (SILVA, 2020, p. 110-115).

fatores externos. Além disso, as experiências vivenciadas nas bandas podem estabelecer significados na vida dos alunos, permitindo o surgimento da motivação intrínseca e, possivelmente, de um sentido de vida.

Dessa maneira, Viktor Frankl<sup>12</sup> aponta que o ser humano, dotado de capacidade de escolha e decisão, é uma existência que busca um significado para sua vida, uma tarefa ou um projeto concreto a ser assumido e realizado de maneira responsável (AQUINO, 2013, p. 50-52; FRANKL, 2022, p. 133). Assim, aprender um instrumento musical, vivenciar a música e a banda escolar pode configurar um projeto pessoal para muitos estudantes. Nessa perspectiva, a participação na banda pode oportunizar o encontro de um sentido que norteia a vida do aluno em determinado momento dados os desafios e as experiências que proporcionam. Todavia, o sentido da vida é situacional e múltavel, variando de pessoa para pessoa e de momento para momento (FRANKL, 2022, p. 133). Dessa forma, o Sujeito 8 revela as mudanças ocorridas em relação às suas expectativas e projeções quanto às bandas marciais:

*[Minhas expectativas] eu divido mais ou menos em três partes [...]. Meu primeiro momento era só de estar com meu amigo, brincar e resenhar<sup>13</sup>. Eu achava que era simplesmente um divertimento, como qualquer outra atividade que a escola tem no fundamental [...]. Na segunda, a minha expectativa já era diferente. Eu enxergava aquilo como algo para se obter um resultado, obter um salário, uma remuneração. Eu via meu professor vivendo daquilo, era um cara muito jovem ainda. E a terceira expectativa foi quando eu fui para [a banda] X. Eu tinha um sonho de realmente querer viver daquilo e crescer naquilo, de fato aparecer para João Pessoa, aparecer para as principais bandas, para os principais músicos, ter um nome conhecido para as pessoas verem meu esforço, meu trabalho. Então, quando eu fui para [a banda] X, eu tive essa expectativa de ser reconhecido, ter mais amigos, estar mais perto de pessoas que entendem mais de música. (S8-E2, 23/08/2019).*

Pelo exposto, podemos pressupor que os sujeitos entrevistados puderam encontrar na banda escolar um significado para suas vidas, uma atividade para se dedicar, o que Miguez (2014, p. 43) vincula ao princípio da autotranscendência na Teoria do Sentido da Vida de Viktor Frankl. Entretanto, é preciso destacar que as significações com a música e com a banda escolar mudam de acordo com o momento de vida de cada sujeito. Por seu caráter mutável, o sentido de vida descoberto na banda escolar pode ser substituído pelo encontro de significado em outras atividades, musicais ou não (SILVA, 2020, p. 157-159). Essas mudanças de significações que ocorrem ao longo da vida podem ser aspectos que influenciam os alunos a saírem das bandas.

---

<sup>12</sup> Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um escritor, psiquiatra e neurologista vienense fundador da Teoria do Sentido de Vida, também conhecida como Logoterapia ou Logoterapia. Para maiores discussões sobre a teoria de Frankl, ver: Aquino (2013); Frankl (2022).

<sup>13</sup> Neste trecho, o termo “resenhar” possui um sentido regional de “divertir-se”.

## Considerações finais

Este artigo apresentou resultados de uma pesquisa qualitativa de mestrado que teve como objetivo investigar as percepções e experiências de dez ex-integrantes de bandas marciais escolares de João Pessoa – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical (SILVA, 2020). Para tanto, adotamos como instrumento de coleta de dados as entrevistas narrativas, em duas etapas, baseadas nas concepções de Flick (2004), Gibbs (2009) e Penna (2021). Dessa maneira, os depoimentos dos sujeitos revelaram suas experiências, vivências, significações e relações com a música e a banda marcial escolar. Além disso, foram revelados os motivos para o ingresso e a participação na banda, foco de discussão deste artigo.

Esta pesquisa mostrou que as amizades e o incentivo da família são elementos importantes para que o sujeito decida ingressar na banda. Além disso, assistir aos ensaios e às apresentações pode fazer com que novos alunos despertem interesse pela música. Dessa maneira, propor apresentações (da banda da própria escola ou de instituições externas) pode favorecer o ingresso de outros alunos que, por sua vez, têm a oportunidade de admirar o trabalho musical e educativo mostrado e, assim, buscar aprender a tocar um instrumento musical por intermédio da participação no grupo. Entretanto, apesar de concertos e apresentações gratuitas favorecerem a familiarização com o repertório musical executado por determinado grupo (bandas marciais ou orquestras, por exemplo), esses eventos não garantem o acesso democrático e a real compreensão e significação musical por parte da plateia (PENNA, 2015, p. 37).

Quando apresentados na escola, por exemplo, os concertos – muitas vezes rotulados como “didáticos” – podem restringir-se à dimensão do entretenimento, sem maiores preocupações e finalidades educativas<sup>14</sup>. Além disso, é necessário, também, que a banda esteja efetivamente presente como atividade pedagógica para que – despertado o interesse ao assistir a uma apresentação da banda escolar, por exemplo – o aluno possa concretizar seu interesse em participar. Assim, apresentações e “concertos didáticos” nas escolas são importantes, mas não cumprem o caráter pedagógico-musical de fato. Dessa forma, concordamos com Penna (2015, p. 33) ao afirmar que “musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo”. Nessa perspectiva, a

---

<sup>14</sup> No contexto da rede pública de ensino de João Pessoa, os contratos para assumir a função de regente de bandas marciais dependem de favores e apadrinhamentos políticos, sendo temporários e instáveis (NÓBREGA, 2018, p. 82-86). Dessa forma, as apresentações e os concertos didáticos das bandas acabam sendo, muitas vezes, motivados por questões políticas e clientelistas.

banda escolar, quando bem direcionada e pautada em princípios pedagógicos e democráticos – portanto, não restrita aos ditos “talentosos” e/ou aos que possuem vivência musical prévia<sup>15</sup> –, pode ser uma importante atividade de musicalização que possibilita a familiarização e a compreensão das linguagens musicais.

Além dessas questões, as apresentações de que a banda escolar participa – como os desfiles cívicos, campeonatos de bandas, viagens, dentre outras – são eventos que podem incentivar outros alunos a ingressar e permanecer tocando. Entretanto, a banda também precisa estar inserida no cotidiano escolar com base em objetivos pedagógicos, educativos e democráticos, e não apenas performáticos ou com vistas a participar de eventos externos e ganhar títulos. Dessa forma, é preciso que a banda se faça presente na escola, de modo a desenvolver uma prática integrada à proposta pedagógica da instituição, e não como atividade desconectada da realidade escolar e de objetivos educativos. Como discutido, essa presença da banda na rotina pedagógica da escola pode incentivar a participação de outros estudantes. Além disso, o diálogo com outros projetos musicais na escola pode estimular o ingresso de novos estudantes na banda – como foi o caso do Sujeito 7.

Este estudo mostrou que a possibilidade de ser prestigiado e admirado pelos pares e familiares pode gerar sentimentos de satisfação e pertencimento. Assim, o sujeito sente-se pertencido a um grupo coletivo que une forças em prol do fazer musical e que desempenha um papel importante na sociedade. Além disso, a própria participação na banda pode configurar um sentido para a vida (FRANKL, 2022), ou seja, um projeto que, em determinado momento, norteia a existência do sujeito e que precisa ser concretizado e assumido de maneira responsável.

Com base na discussão aqui apresentada, cabe destacar que os aspectos extrínsecos podem ser importantes para estimular o ingresso de novos estudantes, mas não são suficientes para garantir que estes indivíduos estabeleçam relações significativas o suficiente para permanecerem nas bandas por um período considerável. Como exemplificação dessas questões, um estudante que entra na banda escolar apenas para agradar seus pais ou, então, para atender às expectativas grupais de seus pares – conformismo –, pode não encontrar maiores significados nas aulas e ensaios, participando com má vontade e, portanto, desistindo. Entretanto, como exemplificado nos depoimentos dos sujeitos 5 e 10, também é possível que as significações e relações dos estudantes com a banda mudem a partir de suas participações nesses grupos.

---

<sup>15</sup> Para maiores discussões sobre os equívocos presentes nas concepções de “dom” e “talento” inatos, ver: Barret (2011); Burnard (2012, p. 8-10); Hallam (2011); Schroeder (2004, p. 115).

As entrevistas narrativas, em duas etapas, foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa uma vez que possibilitaram o acesso às histórias de vida dos sujeitos que, assim, puderam revelar experiências significativas em seus respectivos percursos de formação musical. Logo, foi possível conhecer um pouco de suas memórias, vivências, experiências e significações com a música e a banda marcial escolar. As narrativas revelaram percepções e subjetividades dos sujeitos quanto às bandas escolares no contexto específico de João Pessoa. Por seu caráter qualitativo, as discussões aqui apresentadas não podem ser generalizadas. Todavia, esperamos que este estudo proporcione uma maior compreensão sobre as motivações que podem levar os sujeitos a participar da banda escolar e, portanto, inserir-se no processo de aprendizagem musical nesses espaços.

## Referências

- ADDERLEY, Cecil; KENNEDY, Mary; BERZ, William. A Home away from Home: the world of the high school music classroom. *Journal of Research in Music Education*, [s. l.], v. 51, n. 3, p. 190-205, 2003. Disponível em: <http://drora.me/wp-content/uploads/2014/04/a-home-away-from-home-the-world-of-the-high-school-music-classroom.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.
- ALLSUP, Randall Everett; BENEDICT, Cathy. The problems of band: an inquiry into the future of instrumental music education. *Philosophy of music education review*, [s. l.], v. 16, n. 2., p. 156-173, 2008. Disponível em: <https://cutt.ly/0b6YZy7>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2013.
- BARRET, Margaret S. (ed.). Towards a cultural psychology of music education. In: BARRET, Margaret S. *A cultural psychology of music education*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 1-15.
- BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música), UNESP, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://cutt.ly/uWHlnbA>. Acesso em: 3 dez. 2023.
- BOWMAN, Wayne. Reconceiving music and music education as ethical practices. *Revista da ABEM*, [s.l.], v. 28, p. 162-176, 2020. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1010>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- BURNARD, Pamela. *Musical creativities in practice*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, n. 19, p. 103-111, mar. 2008. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/264>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- CARMO, Claudionor Crisostomo do. *Motivação para tocar na banda: um estudo com dois alunos da banda marcial do Colégio Sergio Fayad Generoso em Formosa-GO*. 38 f. Monografia (Licenciatura em Música), Universidade de Brasília, Formosa-GO, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/9932>. Acesso em: 4 nov. 2019.
- CARVALHO, Aline Panneitz de; GONÇALVES, Lílian Sobreira. Contribuição pedagógica das oficinas de Banda Marcial. *Educação*, Batatais, v. 7, n. 4, p. 141-159, jul./dez. 2017.

- CHAGAS, Robson Miguel Saquett; LUCAS, Glaura. Transmissão do saber e relações sociais nas práticas musicais das bandas civis de música. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 24., 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPPOM, 2014. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2014/2807/public/2807-9816-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2014/2807/public/2807-9816-1-PB.pdf). Acesso em: 10 jan. 2019.
- CISLAGHI, Mauro César. A educação musical no projeto de bandas e fanfarras de São José (SC): três estudos de caso. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 19, n. 25, p. 63-75, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/191/123>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- COSTA, Francisval Candido da. *Processos de subjetividades, interações e pertencimento na banda de música escolar: um estudo de caso na Banda Marcial Ranulpho Paes de Barros, em Cuiabá/MT*. 2020. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Cuiabá, 2020. Disponível em: [https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2354/1/DISS\\_2020\\_Francisval%20Candido%20da%20Costa.pdf](https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2354/1/DISS_2020_Francisval%20Candido%20da%20Costa.pdf). Acesso em: 07 jul. 2023.
- COSTA, Manuela Areias. Música e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. *Tempos Históricos*, [s. l.], v. 15, p. 240-260, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/5707>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- COSTA, Luiz Fernando Navarro. *Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro*. 117 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6626>. Acesso em: 1 set. 2019.
- CUMBERLEDGE, Jason. The benefits of college marching bands for students and universities: a review of literature. *National Association for Music Education*, [s. l.], v. 36, p. 44-50, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/8755123316682819>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- DANTAS, Fred. Bandas, Fanfarras e Filarmônicas. In: SONORA BRASIL. *Bandas de música: formações e repertório*. Rio de Janeiro: Sesc, 2018. p. 12-29.
- FAGUNDES, Samuel Mendonça. *Processo de transição de uma banda civil para uma banda sinfônica*. 160 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-8A7MVK>. Acesso em: 8 jul. 2019.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 57. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.
- GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIBSON, Adrian Thomas. *Student's perceptions of high school bands programs, their marching bands, and factors that lead to intend enrollment in these ensembles*. 136 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Georgia State University, Georgia, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/Tb6IYhQ>. Acesso em: 7 out. 2019.
- GOMES, Celson Henrique Sousa. *Educação musical na família: as lógicas do invisível*. 2009. 210 f. Tese (Doutorado em música) – UFRGS, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15575>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- HALLAM, Susan. Culture, musicality and expertise. In: BARRET, Margaret S. *A cultural psychology of music education*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 201-224.
- ILARI, Beatriz. Quando o músico pensa em deixar a profissão: um estudo comparativo entre instrumentistas brasileiros e canadenses. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n. 21, p. 71-88, 2002. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8528>. Acesso em: 03 set. 2023.
- LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda estudantil em um toque além da música*. São Paulo: Annablume, 2007.
- LISBOA, Rodrigo; PENNA, Maura. Possíveis contribuições das bandas marciais para seus ex-integrantes: uma análise a partir das narrativas de vida. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE

- EDUCAÇÃO MUSICAL, 24., 2019, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: ABEM, 2019. Disponível em: <https://abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/viewFile/75/31>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- MIGUEZ, Eloisa Marques. *Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2014.
- NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. *A cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa*. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13099?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13099?locale=pt_BR). Acesso em: 3 dez. 2023.
- PENNA, Maura. Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa. Anais...* João Pessoa: ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/831/491>. Acesso em: 05 jan. 2023.
- PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif. O músico: desconstruindo mitos. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 109-118, 2004. Disponível em: <http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/368>. Acesso em: 18 mai. 2023.
- SILVA, Rodrigo Lisboa da. *Memórias da banda: percursos de formação de ex-integrantes*. 2020, 196 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18517?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18517?locale=pt_BR). Acesso em: 25 nov. 2023.
- SILVA, Francinaldo Rodrigues da. *A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música: um estudo com duas bandas escolares*. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014. Disponível em: <https://cutt.ly/1WHPoxy>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- SILVA, Thallyana Barbosa da. *Banda marcial Augusto dos Anjos: processos de ensino aprendizagem musical*. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://cutt.ly/9WHPlgz>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- SOARES, Adalto. *Orquestra de Metais Lyra Tatuí: a trajetória de uma prática musical de excelência e a incorporação de valores culturais e sociais*. 2018. 252 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27560>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- SOUZA, Erihuus de Luna. *P'rá ver a banda passar: uma etnografia musical da banda marcial Castro Alves*. 179 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8757?mode=full&locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8757?mode=full&locale=pt_BR). Acesso em: 20 set. 2019.